

# EDUCAÇÃO FÍSICA

## INTRODUÇÃO

A concepção histórico-cultural, base referencial da Proposta Curricular do Estado, estuda o ser humano a partir da prática social e da evolução histórica da sociedade através dos tempos, vendo-o enquanto produto e processo de contradições e transformações. Nesta concepção, todo o sistema educacional tem o compromisso com um indivíduo crítico, participativo, consciente e politizado, deixando clara a opção de buscar a superação das condições reinantes em nossa sociedade.

Em decorrência desta intencionalidade originou-se o Grupo Multidisciplinar, dentro do sistema educacional de Santa Catarina, com o objetivo de revisar e aprofundar a Proposta Curricular do Estado/91. Os estudos foram direcionados no sentido de explicitar alguns tópicos nela contidos propiciando assim um melhor entendimento para a apropriação de seus fundamentos teórico-metodológicos, através da interação entre os conteúdos veiculados e as metas sócio-políticas projetadas para a sociedade catarinense.

O grupo da Educação Física, frente à realidade escolar, selecionou **corporeidade** e **movimento humano** pelo seu caráter amplo e indissociável aos temas da Educação Física, e por estes necessitarem de uma melhor discussão entre os professores da área, nas diversas Unidades de Ensino. Ressalte-se que a Educação Física, ao trabalhar com o movimento humano dentro das diversas formas em que se apresenta, deve pautar-se pela possibilidade de um movimento que ultrapasse as condições reinantes de consciência biologizante e eminentemente de performance, quer no âmbito individual quer no coletivo, e se projete para uma consciência mais participativa e cooperativa, portanto cidadã.

É com base neste pensar que os temas **jogo** e **esporte** serão abordados constituindo-se numa influência basilar para os demais – ginástica e dança – que também integram a ação educativa exercida pela Educação Física no âmbito escolar.

Os temas **ginástica** e **dança**, tão importantes quanto jogo e esporte na aprendizagem da Educação Física Escolar, não estão contemplados neste documento, devido a restrita bibliografia que os subsidiam na perspectiva do histórico-cultural.

Este texto, como já mencionamos acima, é revisão e aprofundamento da Proposta Curricular de Santa Catarina/91; assim faz-se necessária sua releitura para maior compreensão de seus pressupostos-teóricos-metodológicos.

A avaliação não está sendo contemplada neste documento, uma vez que foi produzido um texto específico sobre o tema abrangendo todas as áreas do conhecimento de que trata a proposta.

## EDUCAÇÃO FÍSICA NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

A Educação Física Escolar, por ser parte do conhecimento historicamente produzido, acumulado e transmitido às novas gerações, deve reunir o que for mais significativo ligado ao movimento humano, para ser vivida, compreendida e, via reelaboração, contribuir na formação do cidadão. Este componente curricular, portanto, é um **direito de todos** que passarem pela escola. A partir deste entendimento, alguns fatores devem ser melhor considerados para consubstanciar tal intenção de formação, através da ação pedagógica

- **a produção histórica do conhecimento** – todos os temas da Educação Física Escolar devem ser entendidos na perspectiva histórica. A sua localização no tempo/espaço<sup>20</sup> possibilita o desvelar dos interesses e necessidades de suas origens, o que vai nos remeter a uma intervenção pedagógica mais consistente e adequada à intenção da proposta. É desta forma que se entende dar maior sustentação para a **possibilidade de mudar as regras – produzir novos jogos e atividades** que favoreçam a produção coletiva, a convivência entre as diferenças e os interesses dos participantes. Estas intencionalidades de intervenção pedagógica

<sup>20</sup> As noções de tempo e espaço não se restringem à linearidade cronológica: incluem as relações históricas e culturais que neles se processaram.

poderão ser oriundas do próprio grupo com o qual se está trabalhando, para que ele as enfrente coletivamente, apoiado no conhecimento/entendimento do professor, e as projete em benefício dos limites individuais e coletivos. Neste processo, tanto o aluno como o professor devem apropriar-se do conhecimento de forma dialética<sup>21</sup>, para que possam compreender a reciprocidade entre as coisas (fenômenos), ou seja, o caráter histórico leva-nos a perceber a provisoriedade da verdade e suas relações.

- **o desenvolvimento do aluno como ser social** – independente de ser “**mais** ou **menos** dotado” (visão Inatista), todos os alunos são capazes de aprender a partir da mediação do professor e dos demais participantes do grupo. *A mediação é a essência para o acesso ao conhecimento humano.* (Marx apud Konder, 1992:105). Isso implica na participação efetiva de todos, durante todo o processo (problematização, execução, avaliação) dos diversos conteúdos e metodologias a serem desenvolvidos.

- **o movimento humano** – é o que nos diz respeito. Orienta a ação do professor de Educação Física através das diferentes formas de manifestação. Deve extrapolar os limites orgânicos e biológicos, reconhecendo-se sua força expressiva e de relação, pois o Homem é um ser eminentemente cultural e, no mundo de hoje, mesmo as necessidades biológicas são satisfeitas socialmente.

- **a seleção dos conteúdos e metodologias como meio educacional** – Os conteúdos não devem ser trabalhados a partir de uma teorização abstrata ou de um praticismo que nos remeta a velhas receitas ou regras imutáveis geradas fora da escola. Uma e outra forma estariam se distanciando dos indivíduos concretos que chegam à escola com conhecimento e vivências que os constituem enquanto seres históricos, situados num determinado contexto sócio-cultural. Faz-se necessário buscar um “novo fazer”, reflexivo, criativo e que enriqueça as aulas sobre os temas da Educação Física.

Os temas **ginástica, dança, jogo, esporte**, historicamente produzidos pela humanidade, também são reconhecidos na Proposta Curricular (SC, 1991). O que se pretende são novas formas de abordá-los, com intenção crítica de superação. Para tanto, é preciso que se busquem conhecimentos nos autores da Educação Física e de outras áreas que desenvolvem ações que, sustentadas na perspectiva histórico-cultural, apontem novos rumos. Esta abordagem deve considerar os aspectos sociais, políticos, culturais, o saber representativo do cotidiano do aluno, trazidos de fora da escola, em busca de sua superação, o que o levará à apropriação do conhecimento da área relacionando-o aos demais conhecimentos.

A postura do professor, frente aos conteúdos e métodos da Educação Física, deve ser a de um pesquisador incansável, com profundo conhecimento específico e uma visão de totalidade<sup>22</sup>. É nesta visão de **totalidade** que se deve situar a **especificidade** dos conteúdos da Educação Física, que além de ter um **fim** motivacional específico e um significado próprio, deverá constituir-se num **meio**, para que o aluno se produza, no coletivo, enquanto cidadão. Desta forma, a aula de Educação Física passa a ser um espaço mais criativo, tanto para os alunos como para os professores, oportunizando a produção individual e a coletiva.

## CORPOREIDADE

No desenrolar da história, as manifestações do homem como ser corpóreo se diferenciam, dependendo do seu contexto sócio cultural.

Nas sociedades primitivas, o corpo se relacionava numa dependência direta e harmônica com a natureza, pois o homem se submetia ao seu ritmo para satisfazer suas necessidades básicas de subsistência.

A civilização grega, marco da civilização ocidental, nos legou a visão dualista de Homem – corpo e alma, onde, antes de tudo, havia uma dependência do primeiro em função do segundo. Platão fez do corpo *apenas o lugar de transição da existência no mundo de uma alma imortal* (Coste 1981:10). Este dualismo ainda se faz presente na sociedade atual, sob renovadas formas (corpo x mente; trabalho manual x trabalho intelectual) e na Educação Física se materializou através da máxima de Juvenal “**mente sã em corpo são.**”

Na Idade Média, o pensamento platônico é reforçado, sobretudo pelas releituras de Santo Agostinho, que enfatizava a alma, essência do homem, como o elevado, e o corpo como portador do pecado, que devia ser purificado pela dor (sacrifícios corporais, auto-flagelo), desprezando assim tudo que estava ligado à materialidade terrena e ao corpo. Mas ao enfatizar a alma como essência do homem, Santo Agostinho expõe

<sup>21</sup> Segundo Politzer, a dialética explica o movimento pela luta dos contrários (Politzer, 1954:29).

<sup>22</sup> “Totalidade não quer dizer todos os fatos e nem soma das partes. O conceito totalidade implica uma complexidade em que cada fenômeno só pode vir a ser compreendido como um momento definido em relação a si e em relação aos outros fenômenos. ...A totalidade, então só é apreensível através das partes e das relações entre elas.” (CURY, 1986:36).

a idéia de ser a alma o Eu que pensa, que sente e que unifica, inaugurando com isso uma perspectiva para um outro entendimento do corpo. Ou seja, *um corpo penetrado pela alma, que não só anima o corpo, mas o torna sensível ao mundo exterior conforme sua interioridade.* (Gonçalves, 1994:45)

Com o movimento renascentista, grandes transformações marcam o final da Idade Média, e o advento das ciências é que vai determinar um novo enfoque sobre o dualismo reinante. Gradativamente, o mundo sagrado e divino que reinara até então, submete-se à racionalidade. Surge o monopólio da racionalidade sobre todas as demais manifestações humanas, onde o humano confunde-se com a razão, ou seja, a supremacia da mente (cognição).

Com a revolução da ciência e o advento do progresso pela sociedade industrial e sua necessidade de ampliar a produção, o corpo passa a ser visto como instrumento a serviço da produtividade e, conseqüentemente vai perdendo sua espontaneidade e força de expressão; o seu controle e disciplinamento se faz necessário frente às ações rotineiras do trabalho.

Segundo Foucault (1983) a sociedade estabelece uma relação de poder no controle dos corpos, buscando sua docilidade e submissão. Esta ação mecanicista vai fortalecer o modo de produção capitalista e vê o homem como um ser que pode ser manipulado, sujeito a controle e exploração.

A civilização industrial acentua a distinção entre trabalho corporal (manual) e trabalho intelectual, sendo que o manual sempre foi destinado às classes inferiores, pela idéia de ser mais físico (pouco pensante), exigente na condição do vigor físico, e o intelectual é destinado à classe dominante, por ser mais nobre, de racionalidade, de projeção e abstração.

No sistema capitalista, o domínio da natureza pela tecnologia interfere diretamente nas relações do homem com sua corporalidade, empobrecendo suas vivências corporais, pela exigência de produção em massa (série) e crescente mecanização de sua forma de produção. Neste contexto, o corpo é reduzido a um objeto, tratado como mercadoria, entendido quase sempre fora de um contexto mais amplo. Visto desta maneira, o corpo passa a ser um artefato que deverá estar preparado/aperfeiçoado para desempenhar da melhor forma possível os movimentos dentro dos padrões de rendimento exigidos pela ciência e pela tecnologia.

A produção criativa, pela qual o homem expressa sua totalidade, é transformada em tempo de trabalho e absorvida pelo capital. A automatização física priva a manifestação do espírito, não só alienando o corpo do trabalhador, mas também deformando-o pela precariedade de movimentos. *Enquanto o trabalho em máquinas agride o sistema nervoso ao máximo, ele reprime o jogo polivalente dos músculos e confisca toda livre atividade corpórea e espiritual*(Engels.F. apud Gonçalves, 1994:63).

Marx in Gonçalves (1994) refere-se à corporalidade humana a partir de uma visão de totalidade. Ou seja, o homem, ao afirmar-se no mundo objetivo, o faz em todos os sentidos, não somente em pensamento, não havendo dissociação entre consciência e corpo. Conseqüentemente, o homem é seu corpo e humaniza-se na medida em que se relaciona com os outros. Portanto, pensar em um ser de relações só é possível a partir do princípio da totalidade.

A existência do homem no mundo e seu processo de humanização não é possível sem a presença corporal: o corpo ao se movimentar, expressa idéias, sentimentos, valores, emoções. Sendo assim, para compreendermos melhor a corporeidade também é necessário considerarmos o mundo do abstrato e das emoções, transcendendo, desta forma, a simples classificação e conceituação das ciência físicas e biológicas em relação ao corpo ou a mera mensuração, quantificação do movimento humano. Corporeidade é presença no mundo via corpo que sente, que pensa, que age, corpo que, ao expressar-se na história, traz suas marcas, desvelando-as.

A partir de agora faz-se necessário clarificar o entendimento de movimento humano, diferenciando-o do movimento que é inerente a todos os seres vivos. Nesta intenção é imprescindível atentarmos para algumas características que o identificam como sendo o movimento do Homem e, conseqüentemente, instrumento de transformação:

**Linguagem** – O movimento humano, uma das manifestações de relação do Homem com o mundo, também é linguagem da qual o ser se utiliza para comunicar-se ao longo de sua existência, expressa em postura/gestos com **sentidos/significados**.

Em cada postura, em cada gesto, estamos exteriorizando nosso potencial do ato criador e transformador ou da submissão e do descomprometimento, sendo ambos resultado do processo histórico-

cultural. É linguagem na medida em que desvelamos, via movimento humano, a história de cada um de nós, e quando pela mesma via também nos é permitido conhecer o outro.

O fazer-se presente no mundo pressupõe movimento, pois a corporeidade se faz histórica na dimensão espaço-tempo. O movimento humano, portanto, não pode ser considerado apenas o deslocamento de um corpo, mas também expressão de um ser que dialoga com os outros seres humanos e com a realidade, sendo produzido e produtor numa relação dialética. *Não é o que dizemos que convence mas a maneira de dizer...O gesto é o agente do coração, o agente persuasivo. Cem páginas talvez não possam dizer o que um só gesto pode exprimir, porque, num simples movimento, nosso ser total vem à tona...* (Delsarte apud Garaudy, 1980:81)

**Historicidade** – Ao nascer, o Homem tem uma constituição biológica específica – Funções Psicológicas Inferiores (FPI)<sup>23</sup> ou elementares (emoções primitivas, memória direta...) – que representam “as suas possibilidades de”. O corpo neste momento é considerado como organismo biológico, sendo mais um objeto entre os outros. Este condicionante da natureza, porém, não lhe é suficiente para viver em sociedade. É no curso da história social da humanidade, na sua interação, tendo o outro como mediador das relações que estabelece com o objeto de conhecimento, que se produz a condição de humano, portanto, resultado das condições existenciais de cada sujeito (corpo humanizado – produção humana).

Sendo assim, a ação humana não se traduz em simples gestos instintivos ou mecânicos, tendo somente como determinantes os fatores biológicos herdados.

O andar, o correr, o arremessar, o saltar, entre outros, não são movimentos naturais, mas também resultado de um contexto histórico das relações sociais estabelecidas entre os seres humanos e destes com o meio – processo de hominização. É ao longo da sua história social, de acordo com suas necessidades e interesses, que as diferentes possibilidades de movimento foram sendo produzidas (por exemplo, da necessidade de transpor obstáculos surge o salto). Na busca da satisfação de suas necessidades e interesses, o Homem transforma a natureza de modo a controlá-la. Através destas ações modifica não somente o ambiente físico, provocando uma “segunda natureza”, modifica inclusive as relações sociais, pois novos elementos vão sendo incorporados à realidade objetiva. Por exemplo: O Homem, ao proteger-se dos rigores da natureza, usa recursos da mesma para a produção de abrigos. Os animais ao contrário, não planejam ações, não transformam a natureza de modo a controlá-la de uma forma reflexiva, racional e conseqüente. Adaptam-se a ela somente para satisfazer suas necessidades de sobrevivência (alimentação, procriação...), tendo nesta ação, como determinante, fatores biológicos herdados.

**Intencionalidade** – Todas as ações humanas são intencionais, – característica exclusivamente humana. Estas são produzidas no social através dos instrumentos<sup>24</sup> de interação estabelecida pelos homens, mediadas pela linguagem (signos)<sup>25</sup>, provocando o desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores (FPS)<sup>26</sup> (abstração, generalização, consciência racional e reflexiva). Desta forma, o movimento se caracteriza como sendo uma ação conscientemente controlada, voluntária, reflexiva, racional e conseqüente, que possibilita ao homem abstrair sobre a mesma, planejar e estabelecer relações.

**Sentido/Significado** – É no contexto histórico-cultural em que cada um de nós está inserido (intersubjetividade) que nos produzimos como sujeito único e singular (subjetividade) e é nele que também produzimos e estabelecemos significados e sentidos ao movimento humano. Por exemplo: ao nos reportarmos ao voleibol (objeto de conhecimento) estamos nos referindo a uma forma institucionalizada de movimentos com características específicas e regras definidas. Portanto, com um **significado objetivo** produzido nas relações sociais – modalidade esportiva -, que é compartilhada por todos que o praticam. O **sentido é particular, é subjetivo**, decorrente do contexto de uso em que cada praticante se situa. Nestas condições, ao praticarmos o voleibol, podemos fazê-lo de forma competitiva, de trabalho, ou de lazer. Está ainda ligado ao caráter afetivo, que diz respeito às relações que se estabelecem com quem o pratica como: satisfação, superação, exclusão, raiva etc.

Ao se fazer presente no mundo, o Homem o faz através de seu corpo (corporeidade), que vai além de sua porção biomecânica, portanto, um ser que se movimenta. Movimento cujo sentido e significado representa um fato da cultura e ao mesmo tempo um fator de cultura. Como o movimento constitui-se na

<sup>23</sup> Sobre estas funções do desenvolvimento da aprendizagem ver contribuição da obra de Vygotsky.

<sup>24</sup> Os instrumentos são elementos produzidos pelo homem com o objetivo de auxiliá-lo na compreensão e transformação da natureza.

<sup>25</sup> Signos podem ser definidos como elementos que representam ou expressam outros objetos, eventos, situações (Oliveira, K. 1993:28)

<sup>26</sup> Iden, ibidem 4.

razão de ser da Educação Física, temos que entender a influência que ao longo do tempo este sofreu e sofre, projetando-o mais especificamente para a atuação no ambiente escolar.

O ensinar/aprender deste componente curricular, de acordo com a Proposta Curricular de Santa Catarina, deverá estar centrado numa práxis<sup>27</sup> transformadora, buscando a autonomia de um **ser em movimento**, tendo, desta forma, como **objeto de estudo, o próprio Movimento Humano**, o qual permeará todos os saberes da Educação Física.

É no confronto entre os seres humanos das diferentes classes sociais e suas relações de produção que a cultura de movimento vai sendo produzida, marcada pelas ideologias nela presentes. Esta sociedade de relação e sua cultura determinam nos indivíduos sua maneira de sentir, pensar e agir – sua totalidade existencial. A escola é reconhecidamente a instituição que promove, de forma sistematizada, a socialização deste processo.

Nesta perspectiva, falar em educação, processo ensino/aprendizagem, produção do conhecimento, sem nos referimos à corporeidade é permanecemos no reducionismo da dualidade corpo e mente. Neste sentido, Assmann (1995:106) faz uma importante contribuição quando afirma que *a corporeidade não é fonte complementar de critérios educacionais, mas seu foco irradiante primeiro e principal*.

Quando a criança vai à escola e vivencia o processo de elaboração e reelaboração do conhecimento via movimento, é a criança em sua totalidade que participa. Propiciar a vivência da corporeidade é de fundamental importância para a Educação Física Escolar. Assim, para reforçar as idéias acima, nos valemos da reflexão de Gonçalves (1994:176):

*A Educação Física, lidando com a corporalidade e movimento, não tem diante de si um corpo simplesmente biológico, que seria um instrumento da alma, nem apenas um feixe de reações a estímulos externos ou internos, mas a exterioridade visível de uma unidade que se esconde e se revela no gesto e nas palavras. Conceber a corporeidade integrada na unidade do homem significa resgatar o sentido do sensível e do corpóreo na vida humana. A práxis humana se efetiva porque o homem é um ser corpóreo, que possui necessidades materiais e espirituais. Sua relação com o mundo não é simplesmente a relação de uma consciência que pensa o mundo, sem deixar-se tocar, mas é a relação de um ser engajado no mundo – que tem emoções, que ama, que odeia, que tem fome, que tem dor, que vive a solidão, a amizade, o desprezo etc. -, enfim, um ser que sente,...*

Eis o redirecionamento da Educação Física Escolar.

## TEMAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

### JOGO

Ao tentarmos sistematizar o conhecimento a respeito do jogo, deparamos com concepções diferentes e até conflitantes. Talvez seja um tanto difícil apresentá-lo de forma mais coesa, mas alguns pontos de referência são necessários.

Segundo o Dicionário Aurélio(1988:377) *Jogo, s.m. 1. Atividade física ou mental organizada por um sistema de regras que define a perda ou ganho. 2. Brinquedo, passatempo, divertimento 3. Passatempo ou loteria sujeito a regras e no qual, às vezes se arrisca dinheiro. 4. Regras que devem ser observadas quando se joga.*

O Coletivo de Autores(1992:65) traz que *O jogo (brincar e jogar são sinônimos em diversas línguas) é uma invenção do homem, um ato em que sua intencionalidade e curiosidade resultam num processo criativo para modificar, imaginariamente, a realidade e o presente.*

Segundo Luise Weisse(1989:24) *através do brinquedo, a criança inicia sua integração social, aprende a conviver com os outros, a situar-se frente ao mundo que a cerca. Ela se exercita brincando.*

Para Huizinga(1993:33) *o jogo é uma atividade de ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente*

<sup>27</sup> De forma simplificada, a Práxis pode ser entendida como a relação prática/teoria/prática.

*obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da 'vida cotidiana'.*

Com base nos autores apresentados, observam-se as diferentes interpretações e significados atribuídos ao jogo. Sua diversidade nas discussões teóricas são muitas, o que evidencia a riqueza com que se apresenta na vida das pessoas, e, na mesma proporção, sua possibilidade como um fazer pedagógico.

A criança, por exemplo, que joga/brinca de uma forma individual num primeiro momento, centrada em si, evolui para formas coletivas de relacionamento em grupo, e nestas supera até mesmo o adulto. Basta que lhe proporcionem espaço, liberdade e estímulo à criatividade. Aspectos estes possíveis na ação educadora, porém tolhida pela atuação comumente centralizadora dos professores.

O jogo corriqueiramente é considerado uma atividade em que a criança se exercita e se distrai, de forma alegre e quase sempre prazerosa, proporcionando liberação de energias acumuladas, além de contribuir para o desenvolvimento de aspectos importantes na formação da personalidade.

Com a intenção de não permanecermos nesta concepção que percebe o jogo com um fim restrito, ou seja, utilitário e compensatório, nos valem das idéias de Vygotsky (1989), que ao se referir ao papel do brinquedo no desenvolvimento infantil, apresenta que este pressupõe uma **situação imaginária e necessariamente possui regras**. São estas características que definem o jogo.

Apresenta também, que ocorrem mudanças no desenvolvimento do próprio brinquedo que passa de uma predominância de situações imaginárias para a predominância de regras. Há então, uma evolução do jogo de regras de comportamento (ocultas), para o jogo de regras formais (às claras).

A situação imaginária está, em princípio, intimamente ligada à situação real. A criança pequena brinca reproduzindo situações reais, vivenciadas por ela no seu dia-a-dia, sem separar a situação imaginária da situação real. Estes jogos de papéis envolvem regras, porque neles estão presentes normas que determinam os comportamentos a desempenharem. Quando a menina brinca de “mamãe e filhinha”, ela assume estes papéis, portanto, está reproduzindo ações vivenciadas no cotidiano. A imitação do real pressupõe um comportamento preexistente. Desta forma se estabelecem as regras.

Inicialmente, nos primeiros anos de vida, a **ação é determinada** pelo **objeto**, isto é, ao ver uma escada, a criança sente vontade de subir nela. A ação desta criança está sendo determinada pelo “objeto” escada. Ao brincar, a criança se desenvolve e o próprio brinquedo evolui. Neste sentido ela vai buscando cada vez mais o seu objetivo através do jogo, ultrapassando o modelo concreto para atingir o abstrato, ocorrendo uma divergência entre os campos do significado e da visão, passando a **ação** a ser **regida** por **idéias** e não mais pelos objetos.

E nós, professores de Educação Física, até que ponto estamos superando o modelo concreto? Quantas vezes estamos apenas reproduzindo o que existe? Por exemplo, ao ultrapassarmos o modelo concreto no jogo de futebol, partimos de alguns questionamentos para a reflexão sobre o mesmo: sua origem; seu processo de produção e divulgação no tempo/espaço histórico; suas diferentes interpretações a partir das diferentes faixas etárias; o valor atribuído em diferentes povos a partir de suas condições sociais, políticas, culturais e econômicas. Estaremos, assim, oportunizando o jogar na escola de diferentes formas e, **nestas circunstâncias, possibilitando a elaboração e reelaboração do conhecimento**, partindo do concreto para o imaginário. Isto é diferente de estarmos apenas reproduzindo o real, quando na escola tratamos o conhecimento referente ao jogo de futebol à luz do esporte de rendimento, como produto pronto e acabado, com regras imutáveis que devem ser assimiladas, sem a possibilidade de produzir novas situações a partir do que existe.

O jogo nada mais é que a representação de fenômenos sociais e podemos citar como exemplo o jogo de xadrez, que mostra claramente através de suas peças e movimentação, as relações de poder que aí se estabelecem. É no seu grupo social que a criança aprende os jogos e práticas de uma época ou a utilização de objetos que perduram por muitas épocas. Por exemplo, a boneca pode trazer os significados passados como também pode representar a projeção para o futuro, interpretando diferentes papéis sociais.

Em idade escolar, os jogos com regras claras despertam maior interesse nas crianças. *À medida que o brinquedo se desenvolve, observamos um movimento em direção à realização consciente de seu propósito. (...) Nos jogos (...) pode-se ganhar ou perder (...) o propósito justifica o jogo e justifica a atividade*(Vygotsky, 1989:117). Sabe-se que correr simplesmente sem propósito não é uma atividade interessante, mas quando o correr tem um objetivo claro, uma regra, como por exemplo, tocar no maior número de coleguinhas para deixá-los “congelados”, isto faz com que a corrida adquira significado, e a criança se motive e se envolva afetivamente, estabelecendo sentido ao movimento.

Enquanto mediador, o docente deve ter clareza da importância do jogo para o desenvolvimento infantil, na apropriação do conhecimento, hábitos, habilidades e valores. *Através do brinquedo, a criança atinge uma definição funcional de conceitos ou de objetos, e as palavras passam a se tornar parte de algo concreto* (Vygotsky, 1989:113). Por exemplo, durante o jogo “Lobo Mau e Chapeuzinho” a criança desempenhará papéis e assumirá posturas, onde há o confronto do bom e do mau, do novo e do velho, da perseguição e da fuga presentes na habilidade de correr, esquivar-se e esconder-se, e ainda a necessidade de tomar decisões e fazer escolhas sobre seu papel inicial. A história, o diálogo sobre ela e o brincar faz com que conceitos, objetos e palavras se tornem algo concreto.

É interessante percebermos também que, no jogo, a criança representa papéis que a coloca em nível mais desenvolvido do que realmente se encontra. Por exemplo, quando ela imita o piloto de fórmula 1, vivencia em seu imaginário uma situação que, na realidade, ainda não pode assumir. Isto significa dizer que o brinquedo promove uma Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) na criança, onde ela se comporta para além do comportamento habitual real.

Saber que há uma aprendizagem/desenvolvimento no jogo é fundamental para decidirmos sobre qual conteúdo e metodologia deverão ser utilizados a partir do conhecimento que a criança traz (Nível de Desenvolvimento Real – NDR), para produzir novas Zonas de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que propiciam as diferentes aprendizagens e, conseqüentemente, ampliam o desenvolvimento.

Isto significa dizer que todas as atividades que a criança realiza sozinha representa seu **Nível de Desenvolvimento Real**. As atividades que ela terá possibilidades “de vir” a realizar caracterizam seu **Nível de Desenvolvimento Potencial**. A **Zona de Desenvolvimento Proximal** é a distância entre o Nível de Desenvolvimento Real e o Nível de Desenvolvimento Potencial, espaço este, em que ocorre a aprendizagem. É onde o professor faz sua interação mediando o seu conhecimento com o aluno, possibilitando assim novos saberes levando-o a um novo Nível de Desenvolvimento Real. Portanto **a aprendizagem precede o desenvolvimento**, num processo crescente e infinito.

A metodologia adequada é aquela que interage com o conteúdo e coloca o professor como mediador no processo de conhecimento, favorecendo a discussão das dificuldades e/ou das sugestões para superá-las. Professor e aluno são seres que se produzem na busca constante de conhecimento. Por isso, juntos, devem refletir suas ações para avançar na compreensão de fatos e acontecimentos próximos ou remotos.

Os jogos nos possibilitam trabalhar as mais variadas formas de movimentos. A corrida, o salto e o arremesso, entre outros, não são ações isoladas do indivíduo. Isto significa dizer que não são atos puramente mecânicos; são expressões humanas com **sentido/significado** e é nesta perspectiva que devem ser trabalhados. Os questionamentos que se apresentam nos jogos estimulam a busca de respostas múltiplas, que devem acontecer dentro do grupo, possibilitando a troca de experiências e a vivência de movimentos diversificados bem como dificuldades que surgem no decorrer do jogo e que devem ser discutidas, favorecendo a aprendizagem, que ocorre entre o diálogo e o conflito, na busca da superação do individualismo. Nesta relação dialética, recorremos a Vygotsky, que se posiciona contrário às teorias que dizem que o prazer é uma característica definidora do brinquedo, pois seguir as regras pode constituir-se num caminho difícil e o resultado desfavorável do jogo pode causar imenso desprazer.

Para Santin (1993:23) *jogar significa distribuir lugares e funções onde os fatos podem ou não acontecer*. As regras são a organização do acaso. O incerto, o inesperado, o eventual imprimem um sabor de aventura. Porém, se este acaso for exagerado, o prazer do jogo será substituído pela angústia da espera.

Desta forma, como já destacamos, devemos levar em conta **o desenvolvimento da criança enquanto ser social e a produção histórica do conhecimento** acerca do jogo, e dos diversos elementos da cultura corporal, considerando o referencial de experiência que a criança traz de sua comunidade, a possibilidade de mudar as regras e produzir novos jogos, favorecendo a reflexão e a produção coletiva.

É sabido que o indivíduo se humaniza na convivência com outros seres humanos. Nesta relação interpessoal, ele aprende a colaborar, repartir, ceder, expor suas idéias e compartilhar suas experiências. Na convivência coletiva, tanto os tímidos quanto os agressivos podem ser beneficiados com os aspectos sociais do jogo.

A competição, presente no jogo, deve servir para estimular o jogar com o outro de forma cooperativa, onde o adversário seja visto como parceiro que possibilita a realização do próprio jogo, não como inimigo a ser vencido ou aniquilado.

Finalmente, o jogo, pela sua importância no desenvolvimento do ser humano, deve contribuir para que este se relacione melhor, faça uma leitura crítica da realidade e se perceba como sujeito histórico, que precisa de outros sujeitos, para poder interferir e transformar, sendo, ao mesmo tempo, produtor e produto desta sociedade. Se, enquanto educadores, assim nos propusermos a proceder, com certeza estaremos contribuindo para legitimar a Educação Física no âmbito escolar comprometida com uma sociedade mais justa. E o jogo, como um de seus conteúdos, torna-a mais rica, oportunizando a todos usufruí-la, rompendo com o processo seletivo e elitista, que muitas vezes nele é projetado e que tende a prevalecer, fruto de valores de outras instituições sociais que não são adequadas às necessidades educacionais.

## ESPORTE

O esporte é um fenômeno social que exerce em homens e mulheres uma forte atração, independentemente de raça, sexo ou ideologia. Desde a antiguidade, sua prática está atrelada a “tempo livre” dos homens e mulheres, onde o lazer era um privilégio de poucos abastados, e não dos trabalhadores, do campo ou da cidade, estabelecendo sutilmente a distinção de classes. Pois que utilizar o “tempo livre” para a prática de esportes significa ter, além de um tempo livre, condições financeiras para tal.

No desenrolar da história e com o processo de industrialização, ocorreu uma valorização do trabalho produtivo em detrimento do lúdico. Segundo Bruhns(1993:15)

*Paralelamente ao surgimento e crescimento da ideologia da utilidade e produtividade, um fenômeno surge e ganha força com rápida expansão: o esporte moderno. Este passa a ser mais coerente com a nova ordem voltada ao trabalho, que via no corpo um meio de exploração e domesticação necessárias ao crescimento econômico. O lúdico não sendo disciplinador é incompatível, de certa forma, como reposição de força de trabalho, que é a função do lazer no espaço-tempo em que o trabalho se constitui como valor marcante.*

É neste período que surgem na Inglaterra alguns dos esportes mundiais tão disputados na atualidade, como futebol, tênis, natação e outros. A partir daí, popularizaram-se e difundiram-se pelo mundo, mas sua prática continua elitista, por não possibilitar à grande maioria da população vivenciá-la.

No Brasil, para surpresa de muitos, a primeira manifestação esportiva não foi o futebol, “tudo leva a crer que a primeira prática esportiva introduzida no Brasil foi o remo (1566)”( Marinho, 1983:50). O futebol, importado da Inglaterra, foi introduzido no Brasil após a Proclamação da República, em 1894, sendo seguido pela natação(1896), o tênis e o basquete (em 1898).

Na década de 30, o futebol, que inicialmente se restringe a uma classe privilegiada da sociedade, populariza-se e transforma-se neste fenômeno social que hoje conhecemos. Segundo Gonçalves(1994:161) *Sendo um complexo fenômeno social, um produto específico da sociedade industrial, o esporte competitivo participa de suas contradições e ambigüidades, tornando-se um fator político de propaganda a serviço das classes dominantes.* Já neste período, o esporte competitivo de alto nível ou de rendimento vai se estabelecendo e abrindo espaço dentro da sociedade e influenciando fortemente a Educação Física.

No período de 1964 a 1968, o esporte é utilizado com o objetivo de desarticular os movimentos estudantis, que faziam uma forte oposição ao regime militar que se instaurara no país<sup>28</sup>. Outro objetivo era o de projetar, através do esporte, o país no cenário político internacional, com o intuito de ajudar a legitimar o regime vigente, além de desviar a atenção do que dele se originava.

A partir da década de 70, torna-se mais forte o caráter ideológico imputado ao esporte: podemos citar a COPA de 70, com o slogan publicitário “90 milhões em ação, pra frente Brasil salve a seleção”, como se realmente todos os brasileiros estivessem participando ativamente do evento, enquanto os brasileiros passivamente sofriam com a repressão arbitrária do governo militar.

Outro fato que mobilizou o país foi o Esporte para Todos, cujo objetivo era o da

*conscientização geral de que o esporte não se limita à competição entre excelentes atletas, mas que*

<sup>28</sup> Para um maior aprofundamento, ler Guiraldelli Júnior, Educação Física progressista- a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira. São Paulo: Loyola, 1988.

*representa uma oportunidade e também uma tarefa a realizar por qualquer um; de que a prática de esporte é uma questão pessoal, de que pode ser realizada independentemente de normas e regras genuínas do esporte de competição de alto nível, podendo ser praticado quase em qualquer lugar e a qualquer hora, por qualquer um, homem ou mulher, jovem ou velho (Dieckert, 1994:1),*

e com este slogan “ingênuo” mascarava as desigualdades sociais, pois colocavam padrões e empregados em igualdade de condições no jogo, mas não na vida real. Além disso, ocupava o tempo livre de outras camadas da população que não se envolviam com o esporte de performance.

Frente a estes fatos históricos e os interesses que os originaram, pode-se entender melhor o porquê da Educação Física Escolar hoje estar muito mais voltada para o treinamento esportivo, a busca de talentos, justificando o valor educativo do esporte, através da aptidão física dos alunos e a iniciação desportiva, decorrência do Decreto nº 69.450/71, § 1º do artigo 03, que orientava a Educação Física nos estabelecimentos de ensino a uma ação desportiva e recreativa.

Na década de 80, inicia-se o processo de abertura política. Com o enfraquecimento do regime militar e a chamada “abertura política”, abre-se também um espaço para a educação. Voltam para o Brasil educadores que foram exilados pelo golpe de 1964. Os livros que haviam sido proibidos pela censura voltam a ser publicados e os educadores, aos poucos, começam a falar em educação e política sem o receio de serem acusados de subversão. A Educação Física é enriquecida pelo aparecimento dos seus primeiros mestres nesta área no Brasil (1977, primeiro curso de Mestrado da Escola de Educação Física da USP), contribuindo significativamente para o seu processo de discussão e reflexão enquanto educação e área do conhecimento. Consequentemente, passa-se a rediscutir também o valor educativo do esporte, ou o que dele está presente na escola.

A Educação Física tem preponderantemente conduzido o esporte escolar à luz do esporte de rendimento, sustentado a partir dos referenciais do treinamento esportivo. Assim sendo, ela não se diferencia, de forma significativa, dos clubes e das instituições esportivas, pelo menos em intencionalidade (embora materialmente seja bastante desigual), pois tanto a instituição escolar quanto as demais seguem a orientação dos códigos e princípios do **esporte institucionalizado**. Tais instituições são representadas e organizadas pelas Confederações e Federações Esportivas que padronizam o esporte mundial, exacerbando a competição e a busca de recordes. Esta é uma prática que está cristalizada em nossas instituições escolares, sem a devida reflexão – consciência do por que se age desta forma, servindo para fortalecer as desigualdades, promovendo experiências de sucesso para uma minoria e experiências de fracasso para uma grande maioria, tendo como consequência a exclusão, e, o que é muito mais grave, a auto-exclusão de um número significativo de nossos educandos das aulas de Educação Física. Desta forma, a instituição escolar, no caso da Educação Física, é submetida aos valores de outras instituições, descaracterizando sua finalidade e possibilidade educativa.

O esporte institucionalizado está apoiado na competição e concorrência, sendo orientado pelos princípios da sobrepujança e o das comparações objetivas, que **padronizam o movimento humano** e o limitam a locais e meios para a sua prática.

O **princípio da sobrepujança** parte do entendimento de que devemos vencer o adversário de qualquer forma, e nele está muito forte uma opção de competição, e por trás, o discurso ideológico de que “quem vence no jogo é também um vencedor na vida”, dando a idéia de que o esporte é exclusivamente a comparação de desempenho e que só os melhores vencerão. Assim sendo, desconsideram completamente as diferentes realidades em que vivem os competidores. Este caráter predatório da competição não é próprio do esporte ou do jogo; ele lhe é imputado pela sociedade capitalista. Nesta perspectiva, não importam os meios, mas o fim a ser alcançado.

O esporte escolar tem um fim educativo. Portanto, é necessário sermos críticos ao trabalhar a produção de seus valores, tais como: enfatizar sempre que não jogamos **contra**, jogamos **com**; vitória e derrota são fatores interdependentes. Se quisermos uma sociedade igualitária, produzida no coletivo, deveremos trabalhar a questão do vencer, e do perder, e não o princípio de apenas sobrepujar.

Outro princípio é o **das comparações objetivas**: coloca os competidores e competições em igualdade de condições a partir da determinação dos espaços e locais das realizações das disputas esportivas e de suas normas (regras), que devem seguir o mesmo padrão, passando a ser universais.

Estes princípios trazem como consequência os processos de **Selecionamento, Especialização** e a **Instrumentalização** do esporte.

**Selecionamento** – Ocorre através de forma implícita e explícita, classificando os alunos por suas habilidades esportivas, sexo, biotipo e idade.

Pela simples observação do biotipo, as crianças são conduzidas a praticarem esta ou aquela atividade desportiva e vai além, discriminando os gordos, os baixos e todos aqueles que não se enquadram em algum padrão corporal esportivo exigido. Por exemplo, toda criança alta é um jogador de basquete em potencial, eliminando sumariamente os baixos a prática deste esporte.

A separação por sexo é fruto de uma produção cultural e está muito presente nas aulas de Educação Física e, mais ainda, no esporte de alto nível, cuja finalidade é o máximo rendimento físico. Necessário se faz enfatizar que o rendimento é produto das experiências de movimentos físicos, e que, por uma questão cultural, meninas praticam atividades mais “amenas”, pouco exigentes em força física (brincar de boneca) enquanto que meninos se dedicam a atividades mais “violentas” (jogar bola). Apesar deste estereótipo cultural a necessidade de brincar/jogar deve ser preponderante.

Segundo H. Marcuse (apud Saraiva-Kunz, 1993) *as verdadeiras necessidades são as necessidades humanas e não masculinas ou femininas. Essas necessidades precisam ser descobertas e suprimidas em trabalho e alegria conjuntos entre homens e mulheres.* Portanto, se a sociedade é produzida pela ação conjunta de homens e mulheres, e a escola uma das responsáveis pela educação desses homens/meninos e mulheres/meninas, não pode reforçar essa separação, mas possibilitar vivências mútuas *...propiciando a ambos os sexos a desenvolver um ‘entendimento comunicativo’, que não se situasse a nível de relação ‘homem – mulher’, porém a nível de relação entre ‘seres humanos’, portanto iguais, no tocante ao desempenho de seu papel social,* (Idem, ibidem)

**Especialização** – Leva o aluno à prática de apenas uma modalidade esportiva, tendo como objetivo atingir o máximo rendimento físico. Para Gonçalves(1994:36) *A valorização excessiva do rendimento absorve o professor com medidas e avaliações e privilegia aqueles alunos que possuem melhores aptidões esportivas, incentivando a competição e a formação de elites. Impondo a produtividade como objetivo prioritário, a Educação Física torna-se um veículo de transmissão ideológica do sistema dominante.*

O processo de especialização limita as possibilidades de movimentos que as diferentes modalidades esportivas podem oferecer, ligando-se diretamente ao tipo de modalidade esportiva predominante em cada momento histórico,(efeito Guga, por exemplo), influenciando e disciplinando dentro das normas e regras do sistema esportivo oficial, até mesmo aqueles que praticam o esporte de final de semana para se divertirem. Os fatores mais comuns que neles observamos vão desde as vestes, semelhantes aos uniformes oficiais, locais esportivos padronizados, aos gestos técnicos do esporte em evidência, até a imitação de características pessoais do ídolo esportivo. Todos estes aspectos elevam os níveis de exigência (técnicas cada vez mais apuradas e parcializadas) conduzindo à adaptação e especialização.

A busca do máximo de rendimento leva muitas vezes a um treinamento especializado precoce. Este ocorre *...quando crianças são introduzidas, antes da fase pubertária, a um processo de treinamento planejado e organizado a longo prazo e que se efetiva em um mínimo de três sessões semanais, com o objetivo do gradual aumento de rendimento, além de participação periódica em competições esportivas.* (Kunz, 1994:45) Esta especialização precoce pode significar prejuízo ao desenvolvimento físico, psíquico e social da criança. Exemplificando: uma criança que se dedica precocemente ao treinamento esportivo especializado, em função dos treinos e das competições prejudica seu desempenho escolar, deixa de brincar e restringe sua vida social ao mundo do esporte, e mais: tem prejuízos fisiológicos provocados por uma sobrecarga de atividades físicas. Portanto, ao trabalhar com a criança, os educadores devem ter consciência das implicações negativas deste treinamento precoce, a fim de não praticá-lo ou enfatizá-lo, pois, neste sentido, **estará priorizando o esporte em detrimento da criança.**

**Instrumentalização** – Visa o desenvolvimento do gesto puramente técnico, utilizando métodos e técnicas que padronizam o movimento humano, privilegiando a performance esportiva em detrimento do movimento como forma de expressão criativa. Segundo Gonçalves (1994:37) *A busca do desenvolvimento de capacidades físicas e habilidades motoras, de forma unilateral, utilizando unicamente critérios de desempenho e produtividade, ignorando a globalidade do homem, gera uma Educação Física alienada, que ajuda a acentuar a visão dicotômica de corpo e espírito do homem contemporâneo.*

Estes processos sustentados pela teoria do treinamento esportivo, aliado à medicina dos esportes, nos levam a compreender como no esporte ocorrem as normatizações e padronizações do movimento humano e também a organização de espaços físicos e materiais para a sua prática. Esta normatização e padronização leva

alunos e professores a limitarem a produção e exploração de movimentos expressivos, reproduzindo-os de forma automatizada, impedindo uma prática pedagógica que atenda aos diversos interesses e intencionalidades.

Existe um interesse muito grande por parte das instituições esportivas de utilizar a Educação Física Escolar com o objetivo de buscar talentos para o esporte de rendimento. Segundo Bracht(1992:22) *A escola é a base da pirâmide esportiva. É o local onde o talento esportivo vai ser descoberto*. Este fato nos mostra que a instituição esportiva depende da Educação Física Escolar, não só pela sua condição de fornecedora de talentos, mas também pelo fato de que, através dela, poderá ter apoio financeiro oficial. Para tanto, se utiliza do argumento de que o esporte é cultura, é saúde, é educação, e a ele atribuem-se valores educativos que o justificam nos currículos escolares.

As instituições esportivas buscam na escola sua razão social e o professor de Educação Física, dentro de uma consciência transitiva ingênua<sup>29</sup>, alia-se a elas quando troca seu papel de educador para o de treinador, técnico e árbitro, desvirtuando sua atuação pedagógica.

Uma das formas que a Educação Física tem encontrado para justificar o esporte na escola é a **socialização**, subentendendo-se participação, cooperação, integração e solidariedade, uma vez que o ser humano não vive isoladamente no mundo; ele necessita do outro para viver, pois o convívio social projeta valores de como deve ser este viver.

Esta justificativa pode ter várias conotações, mas vamos nos ater a duas: aquela que **reproduz** os valores da classe dominante e consequentemente reforça as desigualdades sociais, e aquela que **transforma** estes valores no intuito de produzir uma nova ordem social, mais justa e igualitária.

A **socialização** como **reprodutora** de mecanismos de dominação pressupõe que, para viver socialmente com o outro, se faz necessário ter um padrão de comportamento que compreende respeitar as regras, disciplinando e submetendo o educando ao controle da autoridade na figura do professor ou do árbitro. Nesta perspectiva, o esporte escolar, ao ser ministrado na escola, reproduz os valores de uma sociedade autoritária, onde as regras devem ser respeitadas sem possibilidade de refletir ou questionar, e conviver com a vitória e a derrota é mais uma maneira de educar, enfatizando que a vitória só é possível pelo esforço pessoal (reforçando o individualismo) e que este esforço desenvolve a autoconfiança e o senso de responsabilidade. Isto leva à imobilidade social, contribuindo para a manutenção do sistema capitalista. Podemos chamar a esta forma de ensinar de pedagogismo conformista.

A **socialização** como agente de **transformação** subentende um trabalho coletivo com participação de todos, em qualquer atividade desenvolvida no esporte. Dentro deste contexto, as regras do esporte escolar não podem ser as mesmas do esporte de rendimento, uma vez que estas devem ser respeitadas incondicionalmente. Ao trabalharmos o futebol, o voleibol ou qualquer outra modalidade esportiva da escola, as regras não podem ser rígidas, limitando não só o número de participantes como também sua atuação. Muito pelo contrário, elas devem ser produzidas pelo grupo, tendo como um dos objetivos maiores possibilidades de viver autênticas experiências de movimentos que expressem a sua corporeidade e neguem a exclusão.

É importante ressaltar que o jogo/brincar e o esporte possuem basicamente as mesmas características constitutivas. O que os diferenciam são a maior ou menor flexibilidade e intencionalidade no trabalhar regras, espaços, tempo e resultados. O jogo/brincar possui e enfatiza algumas particularidades como a criatividade a expressividade, a espontaneidade, o parceiro etc. Em contrapartida, o esporte não considera devidamente estas particularidades, pois busca a perfeição do gesto e resultados. Apesar destas limitações, o esporte não pode ser desconsiderado como mais um meio para o desenvolvimento e aprendizagem do educando.

A aprendizagem dos conhecimentos teóricos e metodológicos do esporte não se restringe a uma ação prática do movimento técnico que leva à automatização, mas à compreensão e reflexão do gesto esportivo que possibilita a sua elaboração e superação. Portanto, não se nega a técnica, o que ressaltamos é que a mesma seja vista com outros olhos. O professor como mediador do conhecimento deve estar consciente de que o processo ensino/aprendizagem do esporte na escola ocorre pela apropriação (internalização) do conhecimento referente às diferentes modalidades esportivas, e não pela imitação (repetição) de gestos mecânicos. Superar uma prática significa avançar sem, no entanto, desprezar ou negar a história. Portanto, os diferentes esportes deverão ser abordados a partir da realidade presente(realidade do aluno, do professor e da escola).

<sup>29</sup> Segundo Paulo Freire (1980), quem possui este nível de consciência tem uma interpretação simplificada dos problemas que o rodeiam, sua argumentação é frágil, e acredita em tudo que lê e vê sem questionar, mesmo que não entenda, chegando muitas vezes ao fanatismo; não procura transformar a realidade, acomoda-se a ela.

O esporte não é um fenômeno isolado, mas uma produção do homem pela necessidade de estabelecer relações com o meio e com outros homens – portanto, é uma produção social que institucionalizou os movimentos corporais, materiais e locais para sua prática, manifestando-se de diversas maneiras, através de códigos e regras que os normatizaram com significados e sentidos próprios da sociedade que os produziu. Tem-se manifestado como um fenômeno cultural, e nos tempos atuais também como um produto político- econômico em todo mundo. Devendo ser trabalhado na escola de forma integral, enfatizando-se a importância da corporeidade e do movimento humano; as relações sociais (intersubjetividade) que propicia a reelaboração do conhecimento; a contextualização dos fenômenos sociais na produção de novas regras e as possibilidades de vivências corporais, sendo observadas as diferenças individuais e os interesses dos participantes (subjetividade). *No entanto, precisamos rever o esporte estudantil numa ótica transformadora, fundamentar sua prática em valores educativos, para que o próprio esporte de alto nível possa tornar-se o fator que promova a humanização do homem.*(Gonçalves, 1994:162) Neste contexto, o esporte deve ser refletido, analisado e reestruturado dentro do papel educacional que a escola deve desempenhar.

Cabe dizer que o educador de Educação Física comprometido com o aluno e, conseqüentemente, com a transformação social, deverá fazer um esporte planejado, crítico, com inúmeras formas de movimento e organização, transformando-se em uma ação pedagógica participativa.

A Proposta Curricular do Estado não pretende eliminar o esporte da escola, mas transformá-lo numa prática educativa, conscientizando os alunos das relações que existem entre o esporte e os fenômenos sociais, portanto contextualizando-o, problematizando-o, superando, desta maneira, os fatores que ainda hoje permeiam a prática pedagógica: o rendimento, a competitividade, a discriminação, a exclusão, para uma ação mais condizente com o ambiente escolar, que emancipe o homem e seja um dos sustentáculos de transformação da sociedade.

Neste texto, as posições desenvolvidas sobre corporeidade/movimento, jogo e esporte devem sustentar todos os demais temas da Educação Física, com o intuito de torná-la mais dinâmica, ampliando sua ação de modo a desenvolver os aspectos político, educativo, contextualizando-os no tempo presente.

O homem, ao movimentar-se, está sempre ocupado com algo. Em cada gesto, em cada postura, em cada expressão estamos estabelecendo um diálogo silencioso, mas profundamente revelador, com os outros e com o mundo. É neste diálogo, no e com o mundo, que evidenciamos ou ocultamos nossas limitações corporais, desvelando, via linguagem corporal, a nossa história social.

Se o homem é um ser que se expressa pelo movimento, a Educação Física, enquanto espaço pedagógico, não pode ignorar esta característica própria do ser humano, utilizando, de forma articulada e organizada, propostas de movimentos com múltiplas intencionalidades. Portanto, **além de ter um corpo é imprescindível ser corpo.**

E é esta tese que sustentamos como diferenciadora para a ação educativa da Educação Física no meio educacional.

## BIBLIOGRAFIA

- ASSMANN, H. **Paradigmas educacionais e corporeidade**. Piracicaba, SP. UNIMEP 1995
- AURÉLIO B.H.F.e J.E.M.M. Editores LTDA . **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa** R.J. Editora Nova Fronteira, 1988.
- BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992
- BRUHNS, Heloisa T. **O corpo parceiro e o corpo adversário**. Campinas: Papirus, 1993
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo. Cortez, 1992.
- CONTEXTO & EDUCAÇÃO. **Revista de Educacion en América Latina y el Caribe. Corporeidade, prazer e jogo**. Ijuí, RS. UNIJUÍ n° 29, Jan./Mar. 1993
- COSTE, Jean C. **A psicomotricidade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- CURY, CARLOS JAMIL. **Educação e Contradição elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo**. São Paulo: Cortez. Autores associados, 1986
- DANIEL, Harry (org.) **Vygotsky em foco: pressupostos e desdobramentos**. Campinas, Papirus, 1996.
- DIECKERT Jurgen. **Esporte de lazer: tarefa e chance para todos (organização) de Jurgen Dieckert; tradução Profª Maria Lenk** Rio de Janeiro: Ao livro técnico 1984 (coleção Educação Física: série fundamentação 3)
- ELKONIN, D. B. **Psicologia del Juego**. Ed. Pueblo y Educación, 1980.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; Petrópolis, Vozes, 1983

- FREIRE, PAULO. **Educação e mudança**. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Educação Como Prática Da Liberdade**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- GALVÃO, Izabel. **Henri Vallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, Vozes, 1995.
- GARAUDY, Roger. **Dançar a vida**. Nova Fronteira S.A. Rio de Janeiro. 1980.
- GONÇALVES. M. A. S. **Sentir, Pensar, Agir: Corporeidade e educação**. Campinas SP: Papirus, 1994
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. Ed Perspectiva. São Paulo, 1993.
- KOLYNIK, F. CAROL. **Educação Física: uma intenção/Carol Koliniak F.** – São Paulo . EDUC, 1996
- KONDER, Leandro. **O futuro da filosofia da práxis: O pensamento de Marx no século XXI**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992
- KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994
- \_\_\_\_\_. **Educação Física: ensino & mudança** . Ijuí: Unijuí, 1991
- JÚNIOR, Paulo Guiraldelli. **Educação Física Progressista – a pedagogia crítico-social do conteúdos e a educação física brasileira**. São Paulo: Loyola, 1988
- LA TAILLE, Yves. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo, Sumus, 1992
- LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo, Loyola, 1985.
- MARX, KAR: **Manuscritos econômicos e filosóficos” In: Erich Fromm, Conceito marxista do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- MEDINA, J. P. **A educação física cuida do corpo e...”mente”**. Campinas: Papirus, 1987.
- MOREIRA, W.W. **Educação Física & esporte: Perspectiva para o século XXI**. Campinas, SP. Papirus, 1993.
- OLIVEIRA, MARTA K. de Vygotsky: **aprendizagem e desenvolvimento – um processo sócio histórico**. São Paulo: Scipione, 1991.
- OLIVEIRA, Vitor Marinho. **O que é Educação Física**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1994
- POLITZER, Georges. **Princípios fundamentais de filosofia**. São Paulo: Hemus. 1954
- SANTIN, S. **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí, INJUÍ 1987.
- SARAIVA – Kunz, **Quando a diferença é Mito: uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da Educação Física**. Dissertação de Mestrado em Educação, SED/UFSC, Agosto 1993  
Florianópolis Santa Catarina. Fplis, SC.
- SEE/SC. **PROPOSTA CURRICULAR: uma contribuição para a escola pública do pré-escolar, 1º e 2º graus e educação de adultos**. Florianópolis, 1991.
- REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico – cultural da educação** Vozes: Petrópolis (RJ), 1995.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**, São Paulo Atlas. 1897.
- VEER, Rene Van Der & VALSINER, Jaan. **Vygotsky: uma Síntese**, São Paulo, Loyola, 1996.
- VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. 1989.
- WAISSÉ, LUISE. **Brinquedo & engenhocas: atividades lúdicas com sucata**. São Paulo Scipione. 1989.
- WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.

#### **GRUPO DE TRABALHO**

GEONETE MARIA BERNARDI AGOSTINHO – 13º CRE  
HUGUES BRASÍLIO TORRES – 5º CRE  
JOSEMIR TRENTINI – 6º CRE  
LILIAN BEATRIZ SCHWIMM RODRIGUES – 11º CRE  
ROSANE APARECIDA BETT SORATTO – 3º CRE  
ROSELI CECÍLIA LAURENTINO – 1º CRE  
SÉRGIO TEUTÔNIO DE AMORIM – 6º CRE  
VANIA SANTOS RIBEIRO – SED/DIEF

#### **COORDENAÇÃO**

VANIA SANTOS RIBEIRO – SED/DEIF

#### **CONSULTORIA**

JÚLIO CESAR S. ROCHA – UFSC – FLORIANÓPOLIS.